

Cepal apóia a conversão da dívida

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A transformação da dívida externa dos países latino-americanos em capital de risco é uma forma positiva de ação e pode ser uma solução complementar, segundo o "Balanço Preliminar da Economia Latino-Americana em 1987", liberado terça-feira em Santiago e divulgado ontem em Brasília pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe-Cepal. Essa hipótese poderá ser debatida em Brasília, em abril, durante o 26º período de sessões da Cepal.

O documento considera pouco favoráveis as perspectivas de evolução futura da economia do continente, onde a atividade econômica da maior parte dos países foi débil e insuficiente para evitar a deterioração da economia e um agravamento das péssimas condições de vida.

Ao destacar que neste ano a inflação ressurgiu com força, o balanço do Cepal aponta o Brasil em segundo lugar entre os países de mais elevado índice inflacionário (340%), figurando a Nicarágua em primeiro lugar, com 1.225%. Em terceiro, aparece a Argentina, com 180%, em 4º o México, com 146% e, em 5º, o Peru, com 105%. No Uruguai também a inflação continuou muito alta, com o índice de 80%, mostrando pequeno incremento no Equador, na Colômbia e no Chile. Houve queda na taxa de crescimento do nível de preços pelo segundo ano consecutivo na Bolívia, onde, em 1985, se registrou o primeiro caso de hiperinflação na História da América Latina.

Apresentado pelo secretário executivo da Cepal, Norberto Gonzalez, no dia 22, o balanço observou que em abril do próximo ano, quando o órgão realiza em Brasília seu 26º período de sessões, poderão ser examinadas as opções existentes, de sorte a permitir soluções que evitem a contínua deterioração econômica e social de muitos países da região. E poderão até mesmo ser estabelecidas as bases de um desenvolvimento dinâmico e justo.

Diz o documento que, ao longo deste ano, o valor das importações cresceu em 10%, um pouco menos que as exportações e, com isso, o superávit da balança comercial subiu para US\$ 23 bilhões. O déficit em conta-corrente do balanço de pagamentos baixou de US\$ 14,6 bilhões para US\$ 9 bilhões, entre 1986 e 1987. Já a transferência de recursos ao Exterior diminuiu para US\$ 15,7 bilhões, ainda que continuando a absorver a proporção considerável de 15% das exportações. Para essa redução, contribuíram as moratórias declaradas por alguns países e os empréstimos involuntários outorgados pelos bancos credores.

O crescimento da dívida externa continuou sendo lento pelo quarto ano consecutivo. No final deste ano, a estimativa aponta uma dívida externa da região de US\$ 410 bilhões. E lembra que, levando em conta a inflação internacional, a dívida praticamente não cresceu em termos reais, com um aumento de 4%.

EXPANSÃO

A expansão da atividade econômica, ainda segundo o balanço da Cepal, foi muito fraca na maioria dos países, diminuindo em nove deles o produto por habitante. Na realidade, só atingiram índices satisfatórios de crescimento a República Dominicana, o Uruguai, o Peru, o Chile, a Jamaica e a Colômbia.

O aumento no superávit econômico da região foi de US\$ 18,2 bilhões em 1986, para US\$ 22,7 neste ano. A ampliação desse superávit, a leve queda nos pagamentos dos juros e nas remessas de lucros contribuíram para reduzir o déficit em conta corrente do balanço de pagamentos para US\$ 9 bilhões.

Enquanto isso, a diminuição no déficit em conta corrente coincidiu com uma alta na entrada líquida de capital na região, que alcançou US\$ 14,3 bilhões. Com isso, diz o documento, produziu-se uma reviravolta importante no resultado do balanço global de pagamentos, que, em 1986, fechou com saldo negativo de US\$ 5,9 bilhões, registrando-se, em 87, um superávit de US\$ 5,3 bilhões.